

O impulso de Cristo nos mantras médicos de Rudolf Steiner

Friedwart Husemann

Médico antroposófico

Endereço para correspondência: Maria-Eich-Str. 57 A, D-82166 Gräfelfing bei
München, Alemanha.

E-mail: friedwart.husemann@gmx.de

Tradução para publicação de Monica Gugemus, com autorização do autor, do original: Husemann F. Der christliche Impuls in Rudolf Steiners medizinischen Mantren. *Der Merkurstab*, v.61, n.6, p. 560-9, 2008. Revisão de Rodolfo Schleier¹.

Resumo: Rudolf Steiner deu a médicos e estudantes de medicina uma série de meditações que podemos contemplar com as fases da vida de Cristo, como são descritas nos Evangelhos. As meditações aqui discutidas igualmente esclarecem o desenvolvimento da medicina antroposófica de 1920 até 1924.

Palavras-chave: Mantras médicos, renovação dos mistérios, Primeiro Curso para Médicos em 1920, cursos para estudantes de medicina em 1924.

Introdução

A medicina antroposófica compreende um caminho de estudos que se manifesta por meditações que Rudolf Steiner dava aos médicos e estudantes de medicina em determinadas ocasiões e para determinadas situações. A base para este caminho interior são dois textos de Steiner: 'Como se adquire conhecimento dos mundos superiores?' (Steiner, 1993) e o capítulo 'O conhecimento dos mundos superiores – da inauguração ou iniciação' do livro 'A Ciência Oculta' (Steiner, 1989a). Como a medicina antroposófica teve sua origem na visão da ciência natural e por ampliar e aprofundar a medicina ocidental, um ou outro leitor poderia admirar-se sobre tais mantras, que ele só conhece por meio de visões orientais. A ponte entre oriente e ocidente neste caso é o cristianismo. As meditações de Steiner para médicos têm um conteúdo profissional médico que é evidente, mas tem também uma marca cristã, a qual nós queremos acompanhar a seguir.

Os espíritos curativos

A primeira meditação no Primeiro Curso para Estudantes de Medicina (Natal) ocupa-se com a planta trimembrada, com sua flor, folhas e raiz. Os espíritos curativos unem-se primeiramente à flor, depois se restauram nas folhas e por último estacionam nos sais da terra da raiz, de modo que os espíritos curativos fluem de cima para baixo da planta.

Vós espíritos sanadores

Vós vos unis

À benção sulfúrica

Do perfume etérico;

Vós vos vivificais

No elevar-se de mercúrio

Na gota de orvalho

No que cresce

No que será.

Vós vos detendes

No sal terrestre

Que no solo

Alimenta a raiz.

1 - N.T.: Nas meditações utilizamos a versão de Sonia Setzer. Com exceção da última, todas estão publicadas em: Steiner R. *Considerações meditativas e orientações para o aprofundamento da arte médica*. São Paulo: Editora João de Barro, 2007. 259 p.

Esta é a primeira parte do mantra. Na segunda parte o ser humano responde correspondentemente à trimembração vegetal com três qualidades espirituais diferentes, com seu 'conhecimento espiritual', sua 'vivência espiritual' e sua 'existência espiritual'. Cada vez será um estímulo da força de vontade:

*Eu quero unir meu saber anímico
Ao fogo do perfume da flor;
Eu quero estimular minha vida anímica
Na gota cintilante da aurora foliar;
Eu quero fortalecer meu ser anímico
No elemento endurecedor salino
Com o qual a Terra cuida, zelosa, a raiz.*

O médico antroposófico Paul Paede (1915-2006), que atuou em Munique por várias décadas, contou-me que por longo tempo não pôde praticar esta meditação, pois ele não podia compreender por que o conhecimento do ser humano era relacionado com a flor da planta e não com a raiz, como era de se esperar do ponto de vista antroposófico. Eu não havia notado esta diversidade de pontos de vista e agradecemos a Paul Paede se agora avançamos mais um passo. Pois é realmente espantoso que aqui o ser humano é representado como uma planta ereta, exatamente também porque se menciona o sal, o mercúrio e o enxofre, que estamos acostumados a imaginar no ser humano como uma planta inversa (Steiner, 1999a). Certamente não se trata, nestes dois versos, da relação da planta medicinal com a doença do ser humano, onde esta inversão exerce um papel tão importante, mas sim em relação ao médico e suas capacidades espirituais, que querem aprender o poder de cura da planta. Aí o terapeuta e a planta, ambos eretos, estão fisicamente frente a frente. Ambos são fluídos de cima para baixo: a planta, pelos espíritos curativos e o ser humano, pelas qualidades espirituais.

Este 'fluir de cima para baixo' é um acontecimento que podemos comparar com um momento específico da vida de Cristo. No batismo de Jesus no rio Jordão também foi assim (Mateus 3; Marcos 1; Lucas 3; João 1): o céu se abriu e Deus Pai falou à Terra de cima para baixo, uma pomba pairou sobre a cabeça do batizado e o espírito de Cristo atravessou o corpo de Jesus de cima para baixo, até parar em seu sistema ósseo. Isto é, pois, um dos mistérios da Cristologia de Rudolf Steiner: de que o espírito de Cristo penetrou até os ossos de Jesus no batismo (Steiner, 1984), e por esta razão não

se pôde quebrar-lhe as pernas na cruz, mais tarde (João 19:33-36).

O batismo no rio Jordão significa a cura de toda a humanidade: o Cristo divino habitou o Jesus humano. Nossa meditação mostra no reflexo microcômico, uma imagem dos processos brutais daqueles tempos. João, o Batista, batizou com água e anunciou ao mesmo tempo: "Depois de mim virá um que batizará com o Espírito Santo e com o fogo" (Mateus 3:11). Este fogo e aquele espírito são aqueles com os quais o meditador médico poderá realizar-se. Quando os espíritos curativos são invocados e quando o meditador olha como estes se unem às flores da planta, então ele vê na imitação de Cristo um batismo natural da essência vegetal através do espírito curativo. E quando o conhecimento espiritual se une com o fogo do aroma da flor, então isto é, do ponto de vista cristão, o batismo do médico com o fogo. Todos estes processos ocorrem na região da cabeça do meditador e na região da flor da planta. Do ponto de vista cristão estamos na região do Espírito Santo, assim como também em Pentecostes o Espírito Santo surgiu aos apóstolos como uma chama sobre suas cabeças (Atos dos Apóstolos 2). Então a meditação segue adiante. Uma região mais abaixo chegaremos ao ser humano mediano, onde o viver espiritual poderá se inspirar no orvalho das folhas. Assim chegamos à região da segunda pessoa da Trindade, portanto, na área das forças crísticas atuais propriamente ditas, que vivem no rítmico. Então este movimento estaciona no sistema ósseo, que corresponde às raízes. Isto é o poder enrijecedor dos sais, no qual fortalecemos o nosso ser espiritual. Através disto chegamos à região das forças criadoras do Deus Pai. Assim este batismo é totalmente trimembrado, mesmo que em ordem inversa, a saber: em nome do Espírito, do Filho e do Pai, ou medicinalmente falando, em nome da flor, das folhas e das raízes. Precisamos santificar novamente estas naturalidades que foram desprezadas durante muito tempo no cristianismo comum, senão não acharemos o caminho para as forças curativas. Este 'santificar novamente' já é o batismo, como foi pretendido aqui.

Walter Bühler (1913-1995), certa vez, fez a pergunta: quem são estes 'espíritos curativos'? Ele queria saber como eles se comportavam em relação à teoria dos quatro elementos. Esta pergunta ficará reservada para outras pesquisas.

Mas o que podemos reconhecer do estudo ora feito, a relação é que aqueles ‘espíritos curativos’ são os ajudantes ou os serventes do Espírito Santo.

Força anímica e força da gravidade

A segunda meditação dedica-se às origens do adoecimento. Diferenciamos a força anímica de nossa alma e a força da gravidade em nosso corpo. O meditador separa em si próprio a força anímica da alma e a força da gravidade do corpo. Assim ele compreende as duas formas básicas do adoecimento. Quando a força anímica apodera-se da força da gravidade surgem as doenças do corpo. Quando a força da gravidade penetra na força anímica, então surgem as assim denominadas doenças psíquicas. No ser humano sadio, as forças anímicas e vitais estão dispostas no mesmo espaço lado a lado, mas não penetram entre si:

*Contempla em tua alma
A força resplandecente
Sinta em teu corpo
O poder gravitacional
Na força resplandecente
Brilha o ‘eu’ espiritual
No poder gravitacional
Vigora o Espírito de Deus
Porém não deve
A força resplandecente
Apossar-se do poder gravitacional
Pois, se a força resplandecente
apossar-se do poder gravitacional
E o poder gravitacional penetrar na
força resplandecente
Alma e corpo unir-se-ão numa
aberração
cós mica em perversidade.*

Analisado do ponto de vista cristológico antropológico, o resultado é que, implicitamente, deve-se buscar na força anímica o ponto de ataque de Lúcifer e na força de gravidade, o bastão de Árimã. Estes seres exercem também um papel na vida de Jesus. Após o batismo no rio Jordão, Jesus passou 40 dias no deserto, jejuando e orando. Depois, ao sentir fome, deu-se a tentação. Precisamos entender atualmente a tentação como sendo bimebrada, dividida por Lúcifer e Árimã (Steiner, 1992). Lúcifer prometeu a Jesus toda a riqueza do mundo se ele o venerasse. No ser humano, isto significa: a falta de humildade em nossa alma, o

autoengrandecimento exclusivo da alma com sua força anímica, pode facilmente nos enganar e sugerir que ela por si só já basta em nosso corpo. Esta primeira tentação – na seqüência de Steiner – foi armada somente por Lúcifer. Depois, ambos, Lúcifer e Árimã aproximaram-se de Jesus. Eles queriam incitá-lo a saltar de um rochedo, pois seu corpo certamente seria carregado por anjos. Isto seria possível se as forças vital e anímica não fossem internamente separadas entre si, e justamente através da força cristã. Depois na terceira tentação, Árimã veio e exigiu que Jesus, com a força de suas palavras, transformasse pedras em pão. Isto também seria possível, se Cristo quisesse, à maneira de Árimã, realizar todo o futuro desenvolvimento excluindo o ser humano.

E como se parece a sintomatologia das doenças resultantes, sob a luz desta polaridade?

Quando um ser humano psicologicamente perturbado pensa ser o ‘rei da China’ ou está constantemente a telefonar ao ‘primeiro-ministro’, então, pelo visto até aqui, existe o seguinte: a força vital penetrou na força anímica. Mas o que aparece como sintomatologia clínica? Puramente o Lúcifer. Não aparece a força vital, que se apodera, mas sim a força anímica que foi possuída. Mesmo que os sintomas psiquiátricos se revertam ao oposto, e o niilismo de uma depressão evolua para a catatonia, o autorrelacionamento do doente mental permanece luciférico. É diferente com as doenças do corpo. Quando, por exemplo, surge uma paralisação (Steiner & Wegman, 1991), então a força anímica apoderou-se da força vital. Porém, como sintoma não aparece a origem, que seria a força anímica, mas a consequência: o órgão fica pesado. A força vital, que foi apoderada, fica externamente visível. Comparadas às doenças psiquiátricas, as doenças do corpo têm uma *signatura* arimânica. Mesmo em se tratando de uma infecção dissolvente ou um hipertireodismo, que situamos naturalmente do lado luciférico (ao contrário das doenças esclerosantes), todas essas doenças ficam exteriorizadas tal como na psicose. E justamente esta exteriorização é a *signatura* de Árimã.

É singular como nesta meditação corpo, alma e espírito agem conjuntamente (Steiner, 1993). A força anímica da alma e a força vital do corpo são mantidas separadamente. Pode-se perguntar através de qual força isto ocorre.

Através do espírito! “Na força anímica, brilha o ‘eu’ espiritual; na força vital, é o espírito divino que fortalece.” O ‘eu’ espiritual e o espírito divino são ambos espirituais, e quando os unimos, chega-se a uma idéia do espírito de Cristo que mantém separadas a força vital e a força anímica. Ou, bíblicamente falando, que resiste à tentação. Ou visto do ponto médico, aquele que contém tudo o que é curativo.

A meditação do ouro, que antecede este verso, ocupa-se no exemplo de uma substância com o mesmo tema. No brilho e no peso do ouro expressam-se externamente a força anímica e a força da gravidade. O ouro transformado em folha, sob a luz incidente, brilha como ouro maciço. Mas se olharmos através desta folha, surge a cor verde e a reprodução correspondente (como cor fisiológica, no sentido de Goethe) emerge na cor vermelha ou idealmente púrpura (como cor oposta ao verde).

Hilma Walter (1893-1976) comparou estas cores com o verde das plantas e o sangue vermelho dos animais, de modo que nós ascendemos nesta meditação do brilho físico do ouro para o corpo etérico e para o corpo astral do ouro (Walter, 1999). Gisbert Husemann (1907-1997) inseriu o verso sobre força anímica e vital no contexto da meditação do ouro, de tal modo que alcançamos o grau individualista da meditação com o mantra: “Veja força anímica em sua alma...” Podemos também entender a meditação do ouro como uma preparação para a meditação descritiva já mencionada.

E quanto ao significado do ouro como dinheiro, do ponto de vista social, nós médicos somos especialmente atingidos neste ponto. Não é necessário dissertar que os honorários ou a tabela de rendimentos, justamente para nós médicos, representam uma tentação. Com o que chegamos novamente à substância cristã deste mantra.

A formação da luz

Chegamos à terceira meditação com outra atuação, bem diferente de corpo, alma e espírito. Corpo, alma e espírito serão reconduzidos à sua origem, não de forma material como até então, mas de forma cósmica.

Olha o que se ajusta de maneira cósmica:

Tu sentes a configuração do ser humano

Olha o que te movimenta de maneira aérea:

Tu vivencias a permeação anímica do ser humano

Olha o que se transforma de maneira terrestre:

Tu compreendes a espiritualização do ser humano.

O que forma o ser humano é o corpo. Ele se materializa em suas diferentes partes através da posição da Lua sob um signo zodiacal. O mais importante para a formação do ser humano é a Lua. É o que ocorre similarmente entre o Sol e a alma: “Conforme o Sol se desloca, o ar se modifica. Este efeito ‘girar em círculo’ interioriza a formação da espiritualidade, de modo que podemos realmente dizer que as constelações solares no cosmo têm seu efeito no âmbito da Terra, no aéreo e isto fornece nossa espiritualidade” (Steiner, 2003).

Quando imaginamos resumidamente estas forças planetárias, como brilham atualmente do céu para a Terra, e relacionarmos à vida de Jesus, chegamos a uma transfiguração (Mateus 17:1-13; Marcos 9:2-13; Lucas 9:28-36; João 12:27-29). É o momento em que ele é ‘iluminado pela luz do cosmo’, Rudolf Steiner formulou assim este episódio (Steiner, 1989b). Toda matéria corpórea voltou a ser luz, justamente esta luz da qual esta matéria originalmente surgiu (João 1:4). Uma transfiguração destas, como Buda também descobriu no fim de sua vida, somente é possível em um ser que não esteja doente ou que superou toda a doença, em um ser, onde a diferença entre força de gravidade e força anímica se tornou sem importância. Ou, humanamente falando, corpo, alma e espírito do ser humano são apresentados nesta meditação em sua pureza original, assim como Deus a idealizou. Os efeitos de Lúcifer e Árimã ainda não estão aí, ou estão tão equilibrados que foram superados. Falando do ponto de vista médico: é a saúde, para a qual nós dirigimos a nossa consciência meditativa. E porque a saúde é a coisa mais importante, porque é a vontade de voltar a ser saudável que conduz o paciente ao médico, que Rudolf Steiner mencionou este verso como “uma espécie de meditação central” (Steiner, 2003). No centro da medicina está a saúde ou, falando de modo cristão, a transfiguração.

Febre, pulsação e peso

A quarta meditação observa Saturno, Sol e Lua, não de modo espacial, como estão situados no céu, porém pelo modo temporal, como a Terra se desenvolveu. É um modo médico de ver o capítulo 'O desenvolvimento do mundo e do ser humano' do livro 'A Ciência Oculta' (Steiner, 1989a).

Quando uma pessoa desenvolve febre, isso é na verdade uma manifestação do processo do antigo Saturno. Naquela época a Terra era formada somente por calor. Os elementos do ar, da água e do sólido ainda não existiam. O nível de desenvolvimento do ser humano era, naquela época, o de um mineral.

Há um momento importante na vida de Jesus, onde ele fala sobre as pedras. É na sua entrada em Jerusalém, onde todos o aclamavam entusiasmados, jogando seus mantos ao chão e acenavam com ramos de palmeira. Os fariseus se irritam com isto e pedem: "Mestre, ordene contenção aos seus discípulos!" E Jesus respondeu: "Se eles se calarem, tanto mais as pedras falarão mais alto" (Lucas 19:40). E se as pedras de Cristo podem falar, isto significa nada além de que Cristo esteve presente desde o princípio da criação do mundo e participou de seu desenvolvimento. O falar das pedras é um indício ao velho estado de Saturno. No Domingo de Ramos então Cristo cavalgou sobre um jumento, sobre o qual ninguém havia montado ainda, rumo à cidade de Jerusalém como o rei de Israel e a multidão o aclamava com a palavra 'Hosana' e reinava uma enorme admiração. Já era um estado de febre mental, que podemos denominar de certo modo patológico. Pois a mesma multidão gritava cinco dias depois: "crucifiquem-no". Porém reside nesta cena uma profunda verdade. A entrada em Jerusalém é uma cena para a entrada em Jerusalém celestial, onde as pedras se transformaram em várias pedras preciosas. Jerusalém celestial representa biblicamente o fim daquilo que foi o início no paraíso. Do ponto de vista das ciências humanas, hoje vemos uma margem bem maior que distancia Saturno de Vulcano. O 'rei de Israel' representa Cristo como o alfa e o ômega, o primeiro e o último e o vivo (Apocalipse 1:8 e 18).

A vida se desenvolveu no antigo Sol. Então ocorreram calor e ar, ar e luz, luz e escuridão, progredir e estacionar. Originaram-se pausas de descanso e ritmos. O ser humano ascendeu de um mineral para uma planta ativa.

De acordo com isto, Cristo inaugurou o

pão e o vinho como oferendas cristãs, na ceia da Quinta-Feira Santa. Ele equiparou seu corpo e seu sangue a produtos vegetais. Porém, isto significa que na verdade ele falou e agiu do ponto de vista do antigo Sol. Ou, para falar-se sobre futuro, ele deu o impulso à Terra atual para que esta junte o Sol atual ao Sol antigo. Por isto ele também aparece como o 13º entre os 12 Apóstolos, assim como o Sol aparece nos 12 signos zodiacos, e como nosso coração bate no meio de 12 costelas. Lidamos com este tipo de associações quando sentimos o impulso. Nós testamos em um paciente inconsciente, que não respira mais ou quase não respira, se ainda há pulsação, se o seu coração ainda bate e reconhecemos a partir daí se ele ainda vive. Como o Sol para as plantas, assim é o coração para o ser humano: o centro da vida.

E aí acontece o terceiro grande passo de desenvolvimento: a antiga Lua, onde a água se junta aos elementos de calor e ar. O ar se expande para todos os lados do espaço; a água, ao contrário, segue a gravidade e corre para baixo. Aí surgem primeiramente as forças que dão ao ser humano um peso, as forças que formam o corpo humano. Quando estas forças da gravidade seguem a si mesmas, quando a gravidade da Terra se apodera do ser humano, surgem as doenças, onde a matéria não quer mais seguir o todo, mas somente a si mesma: por exemplo: reumatismo, gota, diabetes, constipação e enxaqueca. Nestas doenças surge o antigo desenvolvimento da Lua, ilegitimamente durante o dia. E quando o corpo do ser humano finalmente se torna um cadáver ocorrem as mesmas forças.

Comparado à vida de Jesus, isto corresponde à morte no Calvário (Gólgota). Durante a crucificação houve uma escuridão sobre a região, a Terra tremeu e o Sol perdeu seu brilho. Um eclipse ocorre porque a Lua se coloca à frente do Sol. Não houve na virada do século, um eclipse astronômico na Palestina, no entanto Rudolf Steiner compara aquela escuridão com um verdadeiro eclipse solar e ainda faz uma relação entre o conhecimento antigo da Lua até o mistério do Gólgota e o novo conhecimento do Sol a partir do mistério do Gólgota. No momento da crucificação, o antigo conhecimento humano da Lua escureceu a mensagem superior do Sol (Steiner, 1992). Falando do ponto de vista médico, foi a culminação de toda a patologia possível no reino humano.

Em uma primeira camada surge por detrás da temperatura da febre o velho Saturno; por detrás da quantidade de pulsos, o antigo Sol e por detrás da matéria, a antiga Lua. Do ponto de vista cristão, os acontecimentos da Semana Santa correspondem a estes três passos do desenvolvimento do mundo: entrada em Jerusalém, a ceia e a crucificação. Sentimos a doença através da temperatura, quantidade e matéria; então nós olhamos junto às forças da ressurreição a necessidade da cura do doente na Terra:

*Sente na medida da febre
A dádiva espiritual de Saturno.
Sente no número das pulsações
A força anímica do Sol.
Sente no peso da substância
O poder formativo da Lua.
E em tua vontade de curar contemplarás
Também a necessidade de cura do ser
humano terrestre.*

A quarta estrofe refere-se à cura; do ponto de vista cristão - a ressurreição que dá o sentido próprio ao desenvolvimento da Terra.

O médico antroposófico Kurt Magerstädt (1899-1964) participou dos cursos ministrados a estudantes de medicina e também fez um relatório acerca disto (Magerstädt, 1970). Ele contou ao meu pai, Gisbert Husemann (1907-1997), o que Rudolf Steiner lhe falou: "Estas meditações são muito curtas, estas o senhor pode fazer quando estiver indo de um paciente ao outro". Esta meditação, que se dedica à consulta do paciente, é especialmente apropriada para isto.

E as outras meditações?

As meditações ora discutidas são exemplares, porque elas se ocupam diretamente com o doente e as forças que o tornam saudável. Do ponto de vista cristológico lhes correspondem às sete estações de Cristo, do Jordão até o Calvário: batismo, tentação, transfiguração, entrada em Jerusalém, ceia, crucificação e ressurreição.

As outras meditações dadas aos médicos por Rudolf Steiner ou se enquadram a esta série ou colocam esta série em um contexto maior.

Começamos com as meditações que se enquadram a esta série. Entre os Cursos de Natal e Páscoa para estudantes de medicina, surgiu a primeira e única carta circular de Rudolf Steiner e Ita Wegman (Steiner, 2003), na qual constam unidas entre si a meditação, a arte educativa e

a arte curativa:

*Era em tempos antigos,
Em que vivia vigoroso nas almas dos
iniciados
O pensamento, que doente por
natureza
Todo ser humano é.
E a educação era considerada
Iguar ao processo de cura,
Que à criança junto com o amadurecer
Trazia a saúde
Para tornar-se um ser humano perfeito
na vida.*

Nos primeiros tempos de sua atuação, Cristo aparecia como mestre e os milagres que ele realizou foram, muitas vezes, curas. O sermão da montanha está cronologicamente situado após a tentação e a transfiguração. Portanto, esta meditação é totalmente apropriada para estudantes de medicina, dentro do contexto dos cursos ministrados a eles. E é compreensível também que Cristo, ao mesmo tempo em que era mestre, também curava. Nós sempre ouvimos como ele cuidava do respectivo desenvolvimento da consciência do adoecido, após uma cura.

A próxima meditação a ser discutida aqui é, cronologicamente, a última dos cursos de medicina para estudantes, mas do ponto de vista cristológico ela se ordena mais entre as que foram discutidas até agora.

A primeira estrofe orienta a aprender a conhecer o corpo etérico do ser humano. Quando imaginamos o formato do embrião e ele se transforma no formato corporal de um recém-nascido, então devemos diminuir o tamanho da cabeça em relação ao comprimento do corpo, mas deixar os membros crescerem e aumentarem. O mesmo ocorre quando vemos a formação proporcional do recém-nascido ao porte de um adolescente. Estas relações antropométricas são bem pesquisadas na medicina (Steiner, 1989a). Quando as colocarmos diante de uma meditação e acompanharmos as palavras a seguir, a nossa visão de corpo etérico do ser humano pouco a pouco poderá se formar:

*Desliza a época antiga
Para o período de infância
E o período de infância
Para a época da juventude
Aparecer-te-á condensado
O ser etérico humano
Atrás do ser corporal.*

Uma meditação similar, também para conhecer o corpo etérico, foi dada por Rudolf Steiner em 1920 na 14ª palestra do Primeiro Curso para Médicos 'Ciência Espiritual e Medicina' (Steiner, 1999a). Os médicos são direcionados a estudar o olho, tratando-se aqui do órgão humano, com o qual nós reconhecemos as formas e as proporções. Sobre os olhos, como sendo o portal para aprender o corpo etérico, foi dito:

Os senhores não poderão captar algo sobre o corpo etérico de um ser humano, senão através da atenção que derem para a organização da visão de um ser humano. O resto instalar-se-á por si só nos senhores. Se os senhores se acostumarem a prestar atenção se um ser humano olha para perto ou para longe e deixarem isto agir em si mesmos, então este costume os educará para a sensibilidade de percepção do corpo etérico. Se ainda usarem do auxílio da meditação, meditando sobre isto, então não lhes será mais tão difícil avançar na reflexão do corpo etérico através de uma observação cuidadosa daquilo que é provocado no ser humano pela organização da visão (Steiner, 1999a).

A segunda parte daquela meditação da última palestra do Curso de Medicina para Estudantes não projeta a infância para a juventude, mas sim ao contrário, retrocede a idade para a juventude. As rugas e franzidos, muitas vezes encantadores, de uma pessoa idosa são preenchidas de força, se fizermos a retrospectiva para a idade do amadurecimento. Elas se tornam pujantes quando fazemos o retrocesso até a juventude. Desta maneira, o meditador toma consciência do ser musical do corpo astral. O corpo astral é discursado aqui como 'agente da alma humana':

*Desliza a densidade do velho
Para a idade madura do ser humano,
E a idade madura
Para a vida juvenil
Ressoar-te-á em sons cósmicos
A atuação anímica humana – a partir
da vida etérica.*

Novamente encontramos um equivalente na já mencionada palestra do Primeiro Curso de Médicos em 1920. Desta vez, sobre o ouvido do ser humano:

Os senhores obterão um representante para a clarividência do corpo astral, ao

educarem-se a visualizar a organização 'ouvido' na observação do ser humano para sua capacidade de diagnóstico. Aprender a observar o 'ver' educa para a observação do corpo etérico; aprender a observar o 'ouvir' educa para a observação do corpo astral (Steiner, 1999a).

Cristologicamente, estes dois caminhos de estudo são encontrados em duas partes da Bíblia, que são várias vezes citadas. O que o médico faz, quando ele se coloca meditativamente no lugar da criança para deixar florescer o ser humano em amadurecimento, é apresentado no Evangelho da seguinte maneira:

Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: Quem é o maior no reino dos céus? Chamando uma criança, Jesus colocou-a no meio deles e disse: Em verdade, eu vos digo: se não mudardes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos céus. Quem acolhe em meu nome uma criança, como esta, acolhe a mim mesmo. Mas todo aquele que causa a queda de um só desses pequenos que crêem em mim, é preferível para ele que lhe pendurem ao pescoço uma grande pedra moleira e o precipitem no abismo do mar (Mateus 18:1-6).

Nós podemos entender perfeitamente estas palavras em nosso contexto. O reino dos céus é o reconhecimento do etéreo, a pedra moleira é o mero reconhecimento físico.

Em outra parte Cristo se dirige aos fracos e oprimidos onde, entre outros, faz alusão ao ser humano que está envelhecendo e a um tema muito atual, a humanidade em envelhecimento. E diz as seguintes palavras:

Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso. Tomais sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque eu sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas. Sim, o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve (Mateus 11:28-30).

O corpo astral é vivido no mantra 'Sons do mundo'. Que o jugo de Cristo é manso e seu fardo é leve somente será perceptível através de uma atmosfera musical. Assim também Händel soube mostrar as palavras: "Seu jugo é manso, seu fardo é leve", em uma fuga de coro, que finaliza a primeira parte de seu 'Messias'. Quem

lida muito com pacientes idosos conhece esta atmosfera musical que torna interiormente leve e mansa a gravidade, o penoso e a desolação. No acompanhamento de uma morte, comparativamente falando, pode-se sentir desta maneira uma sinfonia completa. E esta sensação musical são, justamente, as forças cristãs.

Mais adiante há a meditação sobre a criança que mama leite. O recém-nascido não é somente um produto de sua hereditariedade, mesmo que fisicamente pareça assim, mas já possui uma influência de vida espiritual. A personalidade individual e a hereditariedade que os pais cedem estão como luz e escuridão, frente a frente (Steiner, 2003). Na criança em crescimento, uma ou outra pode prevalecer, de modo que desta luta entre individualidade e hereditariedade pode originar escarlatina ou sarampo. O fundo cristão desta meditação resulta da pintura cristã. Ela tornou a cena de Maria e seu Filho amplamente conhecida. Sim, nós podemos reconhecer no exantema áspero tingido de azul do sarampo, o manto superior azul de Maria e no eczema vermelho claro, bem mais fino, da escarlatina, sua veste interna vermelha. Assim também representam: o sarampo a predominância do modelo hereditário externo e a escarlatina a perda de controle das forças internas da personalidade espiritual.

Uma metamorfose desta meditação sobre a criança que mama é a meditação sobre o crescimento da planta (Steiner, 2003) cuja substância cristã resulta das palavras sobre a semente do trigo ou grão de semente (João 12:24).

Meditação do calor e medicina pastoral

Como preparação para os cursos para estudantes de medicina, Rudolf Steiner deu no outono à Helene von Grunelius a meditação do calor (Selg, 2003). Ela se divide em duas partes: a preparação e a meditação propriamente dita. Os conteúdos dados permitem novamente compreender, como no verso "Sinta na medida da febre...", as fases do desenvolvimento do mundo; ou seja: Saturno, Sol, Lua e Terra e pelo ponto de vista cristão com a Semana Santa e o Domingo de Páscoa. Na meditação do calor, porém, isto está relacionado às quatro formas de éter. Para esta meditação Steiner disse: ela é o caminho para o médico olhar o Cristo etérico (Selg, 2003). Esta recomendação é decisiva para a nossa relação. Pois foi com isto que Steiner remeteu os participantes, desde o início, para o cristianismo. E aí foi somente consequência, que nas meditações

dadas, encontram-se as estações da vida de Cristo, assim como nós tentamos mostrar aqui.

Em setembro de 1924, como atividade final das palestras de Rudolf Steiner, veio o Curso de Medicina Pastoral (Steiner, 1994). Aí foi falado algo que nos fará entender porque nos mantras dos cursos para estudantes de medicina é relatado o caminho de Cristo, do Jordão até o Calvário:

Se os senhores acolherem a medicina neste sentido, como foi a intenção deste curso sobre medicina pastoral, então os senhores progredirão, passo a passo. E aquilo que se mostrará como seu resultado final (...) isto será, meus caros colegas, nada senão o que os senhores dirão: Agora que adquiri todo o conhecimento médico, eu concordo com tudo o que ocorreu no mistério do Calvário até o momento onde Cristo passou pelo portão da morte do Gólgota. Os senhores entenderão o caminho de Cristo, do Pai até a morte no Calvário. Este é o mistério. Não acreditamos de início que uma coisa esteja ligada à outra, mas elas estão. Elas estão tão ligadas que os senhores entenderão justamente através do olhar no processo de cura o que aí ocorreu no cosmo. Que o Pai enviou o Filho para passar pela morte no Calvário e naquilo que ocorreu na morte no Calvário, meus caros colegas, os senhores não verão mais uma morte, mas sim uma atuação conjunta de tudo o que ocorreu na morte, que não é uma morte, mas sim a superação da morte, que é a cura de toda a humanidade. É o caminho do médico, do Pai até o Filho, até que este morra no Calvário. Todos os conhecimentos detalhados de cura nos levam um passo à frente, para finalmente entendermos (...). O caminho de Cristo para o Calvário: a culminação mais alta do caminho do médico. O caminho de Cristo após o Calvário, a culminação do caminho do sacerdote (Steiner, 1994).

As frases citadas agora e o Curso de Medicina Pastoral inteiro estão resumidos por um mantra (Steiner, 1994) que expressa o impulso de Cristo em palavras e confirma assim a apresentação acompanhada aqui.

O Primeiro Curso para Médicos em 1920 e a perspectiva de uma medicina intuitiva

Uma vez que entendemos a estrutura básica

cristã dos mantras medicinais de Rudolf Steiner, cai então uma luz sobre o Primeiro Curso de Médicos 'Ciência do Espírito e Medicina' (Steiner, 1999a). Estas vinte palestras na época da Páscoa de 1920 foram iniciativa própria de Rudolf Steiner, como aparece em sua proposta de 6/01/1920, que ele fez para este curso (Steiner, 1983).

Nestes ciclos de palestras sempre se falou de uma 'medicina intuitiva' (Steiner, 1999a), que deve ser alcançada. A mesma palavra já havia sido mencionada em 6/01/1920 (Steiner, 1983). A palavra 'medicina intuitiva' soa de uma maneira que pode nos passar despercebida, uma vez que também foi usada na medicina oficial, porém em outro sentido. Na obra completa de Rudolf Steiner, a idéia de intuição é uma das mais importantes. Em 'A Filosofia da Liberdade' (Steiner, 1995) a intuição está para o pensar como o reconhecimento está para a observação. A intuição moral na segunda parte é a fonte do individualismo ético. A ponte decisiva da primeira para a segunda parte do livro é o conceito de intuição. Com a idéia de uma medicina intuitiva foi fundada então, em 1920, a moral médica no sentido de 'A Filosofia da Liberdade'. E o que foi publicado e fundado mais tarde como sendo o 'Terceiro Curso' do estudo de medicina em termo expresso, como moral do estudo de medicina, foi a continuação direta daquilo que surgiu em 1922, na verdade já em 1894 como 'A Filosofia da Liberdade'.

Assim foi também com o esoterismo. O esoterismo na medicina antroposófica não se iniciou somente no Curso de Medicina para Estudantes. Na fase dos conhecimentos mais elevados, como foram apresentados em 'A Ciência Oculta' (Steiner, 1989a) e mais tarde como foi exposto no livro escrito com Ita Wegman 'Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar' (Steiner & Wegman, 1991), a intuição é a fase mais alta. Mais esoterismo do que a intuição não é possível na medicina antroposófica. E isto foi esclarecido pelo próprio Rudolf Steiner: que a intuição em 'A Filosofia da Liberdade' e a intuição nas fases mais elevadas do conhecimento, são qualitativamente a mesma coisa (Steiner, 1986a). Todo o esoterismo dos cursos de medicina para estudantes é uma versão daquilo que foi fundado como medicina intuitiva em 1920. E para quem isto pareça 'muito abstrato', a ele oferecemos uma citação, que pelo significado da palavra poderá aquecer seu coração: intuição é a mesma coisa que amor (Steiner, 1986b).

Acontece também que os diversos mantras

medicinais dados por Rudolf Steiner a partir do outono de 1923 podem desviar a visão de que também em 1920 já eram dadas meditações. Duas delas já mencionamos, a saber: a atenção a ser dada aos olhos do paciente para captar o corpo etérico, e a observação da audição para aprendermos a conhecer o corpo astral (Steiner, 1999a). Elas percorrem a 14ª palestra, em que o olho é colocado como órgão configurado a partir de uma inflamação e o ouvido como órgão configurado a partir de um tumor. Nestas meditações que são dirigidas aos pacientes, se sobressai uma meditação na 12ª palestra que refere ao autoconhecimento do médico. Nós escutamos sobre os quatro grandes órgãos formadores de proteína: coração, pulmão, bexiga - respectivamente rim - e fígado, e também da organologia, que igualmente na medicina acadêmica transforma todo médico em um médico de verdade. Pois mesmo o médico mais especializado deve observar estes quatro órgãos a partir do ângulo de sua área de atuação. Sobre estes órgãos formadores de proteína paira uma irradiação, da qual o médico que medita pode conscientizar-se. É a irradiação de ferro ou o espírito férreo. Surge uma luta entre o ferro irradiante e o efeito congestionante da proteína (Steiner, 1986b) (Fig. 1).

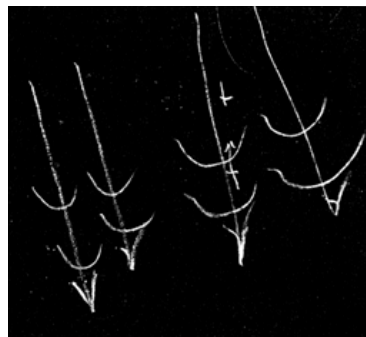


Figura 1. Ilustração em quadro-negro de Steiner, sobre a palestra de 1º de abril de 1920 (GA 312).

E nesta primeira meditação do Primeiro Curso para Médicos, Rudolf Steiner descreve o que o médico poderá vivenciar em suas tentativas de meditação: a conscientização desta irradiação de ferro. É "o que está mais perto e que poderá ser alcançado" (Steiner, 1986b), a luta entre a proteína congestionante e o ferro irradiante, é "de certa maneira o primeiro que, através de uma visão interna, poderá ser detectado" (Steiner, 1986b).

E o que significa esta parte, do ponto de vista cristológico? No caso do ferro pensamos

em Micael, que sabe lidar cosmicamente com o ferro (Steiner, 1999b) e nos abre o caminho para Cristo (Steiner, 1998). Pensamos neste arcanjo como o 'príncipe ardente dos pensamentos do cosmo' (Steiner, 1998). E organologicamente ainda há outra relação. A denominada irradiação de ferro ocorre 'na parte superior do ser humano' (Steiner, 1999a) e se formos averiguar a origem destas irradiações, chegaremos à região da laringe, que pertence cosmologicamente ao ferro (Steiner, 2004). A laringe é a região da palavra. Tanto que a primeira experiência em meditação para médicos, no Primeiro Curso para Médicos, ocorre na primeira meditação - relacionada à região da fala - que se refere à irradiação do ferro. Antigamente esta irradiação era retratada para fora, por exemplo, na espada com dois lados cortantes, que tem origem na boca (Apocalipse 1:16). Hoje o médico pode vivenciar esta irradiação de ferro em luta interna com os quatro órgãos. E se unirmos isto ao mesmo conceito de intuição de 'A Filosofia da Liberdade', em que "intuição é a vivência consciente de um conteúdo puramente espiritual que ocorre na mente. Somente através da intuição pode-se compreender a essência do pensamento" (Steiner, 1995); assim encontramos no Evangelho também o mesmo monismo, o ponto do mundo, onde a mente é autossuficiente, novamente na região da fala: "No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no início, voltado para Deus. Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito" (João 1:1-3).

O Primeiro Curso para Médicos não é só o primeiro na seqüência, mas também o que leva o médico para as primeiras causas das coisas, únicas e intuitivas. A meditação do ferro dada ali é o ponto forte, da qual irradiam todas as demais. Já os médicos antigos diziam: *Qui nescit martem, nescit artem*, quem não conhece Marte (o ferro) não conhece a arte médica.

Desta maneira os primeiros cursos para médicos em 1920 e os demais cursos médicos até 1923 têm um caráter de Micael, no qual é exercida a força do ferro. Os cursos posteriores, em 1924, ao contrário, tinham um caráter mais de Mercúrio e Rafael. O que se quer demonstrar com este último ponto, veremos a seguir.

A fundação da Seção Médica como renovação dos mistérios

E aí se deu o encerramento coroante que

ocorreu durante o Curso de Medicina Pastoral, com alguns médicos escolhidos pelo próprio Rudolf Steiner, juntamente com Ita Wegman: foi fundado o Núcleo da Seção Médica. Do mesmo modo que a meditação do calor – portanto do fogo – representa o início dos mantras verbais medicinais, o selo de Mercúrio representa o final (Steiner, 1999c). Assim surgem novamente o sal, o mercúrio e o enxofre que foram tratados minuciosamente na primeira meditação do Curso para Estudantes de Medicina.

A meditação é dividida em duas partes. Primeiro vem a retrospectiva de todos os tempos. Depois a renovação dos mistérios, através do espírito do presente e do futuro, e por último, uma espécie de voto solene, proferido por aqueles que querem se afiliar ao Núcleo da Seção Médica. Na primeira, parte-se, de maneira bastante explícita, do fundo das trevas para o alto da luz; vemos a chama de Mercúrio queimar de baixo para cima ao encontro dos deuses. Na segunda parte, desce-se então dos deuses para o ser humano, porém de uma maneira mais anímica, mais interiorizada: o arcanjo Rafael fala o mantra inteiro para Rudolf Steiner e Ita Wegman, e isto é mais perceptível agora nesta segunda parte. Rafael convida Rudolf Steiner e Ita Wegman para a renovação dos mistérios, e estes, que já estão de certa forma desenvolvidos, devem aceitar o voto solene dos demais participantes. Na segunda parte também se configura uma hierarquia, ordenada de cima para baixo: Rafael fala com Rudolf Steiner, Rudolf Steiner com Ita Wegman, e ambos falam com os demais afiliados da Seção Médica. De modo que as duas estrofes renovam o antiquíssimo dito sagrado "o embaixo é igual ao em cima, o em cima é igual ao embaixo" dos mistérios herméticos. Hermes é o mesmo que Mercúrio. Mercúrio numa tradução cristã é o Arcanjo Raphael:

Disse Mercúrio-Rafael:

*Contemplai o costume antigo:
Em local sagrado e digno
A formação de chamas prendendo
forças escondidas da Terra,
Levando-as no selo de serpentes de
fogo de Mercúrio
De encontro aos Deuses -
Para que se torne criador em curadores
O que no fundo de abismos
O que no soprar dos ares*

*O que no resplandecer da luz
Expulsa os males da Terra.
Renovai o costume antigo:
Dizei o que renasceu
Em novo local de curadores
Por meio de vossas aspirações:
Se almas humanas sustentadas pelo
espírito
Derem ouvidos aos vossos
pensamentos
Sobre um selo de serpentes de fogo
novamente aceso
E se elas quiserem criar despertando a cura
No tecer da vida do ser humano
Queiram elas prometer-vos
solenemente:*

*Eu quero suscitar a força dos ouvidos
do espírito
No coração amoroso
Para ouvir vossa palavra de cura.*

A meditação começa com o convite: "Contemplai....", ele termina com a vontade de ouvir, ele leva do olho ao ouvido, bem parecido com as duas meditações de 1920 sobre o olhar e ouvir do paciente. É como um tema central em comum de todos os mantras médicos que eles convidem para olhar: "Vide em sua alma, força

de luz..." "Vide, o que se une ao cósmico..." "Vide, o que te faz mais leve..." "Vide, o que se move na terra..." "Então você verá a sua vontade de cura..." Este olhar é colocado em relação ao sentir, perceber: "Sinta em teu corpo, a força etérea..." "Você sente.... você vivencia... você compreende..." "Sinta na medida da febre... Sinta a quantidade de pulsações... Sinta no corpo, o peso...". Também a meditação do calor repete quatro vezes as palavras: "Eu sinto...". (Selg, 2003) O sentir é aparentado do ouvir, enquanto que o olhar é próprio da visão. E agora nesta grande meditação para a renovação dos mistérios de Mercúrio, o olhar nos serve para a retrospectiva, como era antes. 'A força espiritual do ouvir', ao contrário, deve ser estimulada a escutar a nova palavra de cura, a fim de construirmos o futuro com nossa vontade. O passado parece plástico, de acordo com a natureza dos olhos, enquanto o futuro soa musical para a nossa força auditiva.

A palavra que Rafael-Mercúrio preferiu naquele tempo, foi a mesma que hoje nós ouvimos renovada e que nos conduz ao futuro. É aquela palavra de cura, da qual o evangelista João falou em seu prólogo, e que já estava fundamentada como intuição no Primeiro Curso para Médicos.

Agradecimentos

O autor agradece à Michaela Glöckler, Niklas Bruchner, Matthias Girke, Jans-Broder von Laue, Georg Soldner e Markus Sommer pela revisão do manuscrito e as sugestões dadas com presteza para correções. O revisor agradece à Weleda do Brasil Lab. e Farm. Ltda. pelos custos da tradução.

Referências bibliográficas²

- Fintelmann V. *Intuitive Medizin. Einführung in eine anthroposophisch ergänzte Medizin.* Stuttgart: Hippokrates Verlag, 2000.
- Husemann A. *Der musikalische Bau des Menschen.* 4. Auflage. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 2003.
- Magerstädt K. *Wir erlebten Rudolf Steiner.* 4. Auflage. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1970.

Selg P. *Helene von Grunelius und Rudolf Steiners Kurse für junge Mediziner.* Dornach: Natura Verlag, 2003.

Steiner R. *Vom Einheitsstaat zum dreigliedrigen sozialen Organismus (GA 334).* Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1983.

Steiner R. *Das Johannes-Evangelium im Verhältnis zu den drei anderen Evangelien besonders zu dem Lukas-Evangelium (GA 112).* 6. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1984.

Steiner R. *Anthroposophie, ihre Erkenntniswurzeln und Lebensfrüchte (GA 78).* 3. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1986a.

Steiner R. *Was wollte das Goetheanum und was soll die Anthroposophie? (GA 84).* 2. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1986b.

2 - N.T.: Para saber se uma obra está disponível em português, consulte a lista completa das obras de Steiner na página da Sociedade Antroposófica no Brasil (<http://www.sab.org.br/antrop/GA-EWRS-1.htm>).

- Steiner R. *Die Geheimwissenschaft im Umriss (GA 13)*. 30. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989a.
- Steiner R. *Das Christentum als mystische Tatsache und die Mysterien des Altertums (GA 8)*. 9. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989b.
- Steiner R. *Aus der Akasha Forschung – Das Fünfte Evangelium (GA 148)*. 5. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1992.
- Steiner R. *Wie erlangt man Erkenntnisse der höheren Welten? (GA 10)*. 24. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1993.
- Steiner R. *Das Zusammenwirken von Ärzten und Seelsorgern (GA 318)*. 4. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1994.
- Steiner R. *Die Philosophie der Freiheit (GA 4)*. 16. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1995.
- Steiner R. *Anthroposophische Leitsätze (GA26)*. 10. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1998.
- Steiner R. *Geisteswissenschaft und Medizin (GA 312)*. 7. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1999a.
- Steiner R. *Das Miterleben des Jahreslaufes in vier kosmischen Imaginationen (GA 229)*. 8. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1999b.
- Steiner R. *Mantrische Sprüche, Seelenübungen II (GA 268)*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1999c.
- Steiner R. *Meditative Betrachtungen und Anleitungen zur Vertiefung der Heilkunst (GA 316)*. 4. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 2003.
- Steiner R. *Das Initiatenbewusstsein (GA 243)*. 6. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 2004.
- Steiner R, Wegman I. *Grundlegendes für eine Erweiterung der Heilkunst (GA 27)*. 7. Auflage. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1991.
- Walter H. *Die Sieben Hauptmetalle*. 2. Auflage. Dornach: Natura Verlag, 1999.



ANTROPOSÓFICA Editora • Livraria

Antroposofia / Pedagogia Waldorf /
Medicina Antroposófica / Alimentação /
Terapia Artística / Biografias /
Psicologia / Comportamento /
Goethianismo / Cristologia /
Agricultura biodinâmica / Literatura
geral / Literatura infanto-juvenil

*Brinquedos pedagógicos, bonecas
Waldorf, papeleria artesanal, giz
de cera, tintas aquarela,
produtos em patchwork, Cds
infantis e clássicos, exposição
permanente de arte.*

Eventos culturais e artísticos



Editora Antroposófica Ltda.
R. da Fraternidade, 174/180 — Alto da Boa Vista
04738-020 São Paulo, SP
Tels. (11) 5687-9714 (escrit.) / 5521-4697 (livraria)
Televentas: 0800-154550
E-mail: editora@antroposofica.com.br

Conheça também nosso site e loja virtual:
www.antroposofica.com.br